

Censo dos veteranos: 80 anos da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial

**Censo de los veteranos: 80 años de la Fuerza
Expedicionaria Brasileña en la Segunda Guerra Mundial**

**Veterans Census: 80 Years of the Brazilian
Expeditionary Force in World War II**

Daniel Mata Roque
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
danielmataroque@gmail.com

Margarida Rocha Bernardes
Escola Superior de Guerra
margarida.rb.1502@gmail.com

Fernando Porto
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
fernando.porto@unirio.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira, unidade militar brasileira enviada para combater na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945), ainda vivos ao celebrarmos os 80 anos de sua criação (09 de agosto de 2023). Seguimos o caminho da triangulação de fontes em busca de informações sobre esses veteranos de guerra, por meio da construção do Censo Permanente da FEB (organizado pela Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira –

ANVFEB), para obtermos dados a fim de construir as narrativas históricas. Na presente pesquisa, ensaios resumidos foram realizados, como *flashes*, o que demonstra o potencial dos registros. Utilizando a metodologia aproximada da demografia populacional, observamos o registro do Censo Permanente da FEB divulgado em 01 de julho de 2023, com um total de 72 veteranos vivos. Amparando-nos em consagrados teóricos sobre história e memória, como Pierre Nora, Paul Ricoeur, Michael Pollak e Henry Rousso, discutimos as formas como a memória sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi construída desde o fim do conflito, em 1945, até a atualidade, momento em que identificamos o auge do interesse militar e acadêmico sobre o tema. Concluimos observando o iminente fim deste grupo de agentes históricos e a necessidade de ferramentas para preservar e divulgar suas memórias sobre esse fato relevante na história mundial e transformador da nacionalidade brasileira.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, História Militar, memórias de veteranos de guerra, Força Expedicionária Brasileira.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar un panorama de los veteranos de la Fuerza Expedicionaria Brasileña, unidad militar brasileña enviada a luchar en Italia durante la Segunda Guerra Mundial (1944-1945), aún viva mientras celebramos el 80° aniversario de su creación (09 de agosto de 2023). Seguimos el camino de triangulación de fuentes en busca de informaciones sobre estos veteranos de guerra, a través de la construcción del Censo Permanente FEB (organizado por la Asociación Nacional de Veteranos de la Fuerza Expedicionaria Brasileña – ANVFEB), para obtener datos que permitan construir el narrativas históricas. En la presente investigación se realizaron pruebas resumen, a modo de *flashes*, lo que demuestra el potencial de los registros. Utilizando la metodología aproximada de demografía poblacional, observamos el registro del Censo Permanente de la FEB difundido el 1 de julio de 2023, con un total de 72 veteranos vivos. A partir de reconocidos teóricos de la historia y la memoria, como Pierre Nora, Paul Ricoeur, Michael Pollak y Henry Rousso, discutimos las formas en que se ha construido la memoria de la participación de Brasil en la Segunda Guerra Mundial desde el fin del conflicto en 1945. , hasta hoy, cuando identificamos el pico de interés militar y académico por el tema. Concluimos observando el fin inminente de este grupo de agentes históricos y la necesidad de herramientas para preservar y difundir sus memorias sobre este hecho relevante en la historia mundial y transformador de la nacionalidad brasileña.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial, Historia militar, recuerdos de veteranos de guerra, Fuerza Expedicionaria Brasileña.

Abstract: This article aims to present an overview of the Brazilian Expeditionary Force veterans, a Brazilian military unit sent to fight in Italy during World War II (1944-1945) still alive to celebrate their 80th anniversary (August 9, 2023). The importance of this commemoration becomes clear in that Brazil was the only Latin American country to send troops to fight in Europe and one of the first countries to join the United Nations in the post-war period. The method of triangulation of sources was applied in search of information on these war veterans via the creation of a Permanent Census of the FEB organized by the National Association of Veterans of the Brazilian Expeditionary Force —ANVFEB— in order to extract data for the construction of historical narratives. In the present study, summary tests were carried out in the form of flashes, demonstrating the potential of records. However, there is still work to be done to preserve this military memory. Through the approximate methodology of population demography, the record of the Permanent Census of the FEB disseminated on July 1, 2023 was examined, with a total of 72 living veterans distributed in fifteen federative units of the Brazilian territory, and then a quantified analysis was performed by age, gender, region, military rank, combat unit or medals received, among others. Based on the perspective of renowned theorists of history and memory such as Pierre Nora, Paul Ricoeur, Michael Pollak and Henry Rousso, it will be discussed how the memory of Brazil's participation in World War II has been constructed since the end of the conflict in 1945 up to this today, when military and academic interest in the subject has reached its peak. To conclude, the approaching passing of this group of historical agents and the need for tools to preserve and disseminate their memories of this extremely relevant event in world history as well as transformative for Brazilian national identity will be highlighted.

Keywords: World War II, Military History, memories of war veterans, Brazilian Expeditionary Force.

Para citar este artículo: Daniel MATA ROQUE, Margarida ROCHA BERNARDES y Fernando PORTO: “Censo dos veteranos: 80 anos da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial”, *Revista Universitaria de Historia Militar*, Vol. 13, N° 27 (2024), pp. 272-294.

Recibido 16/09/2023

Aceptado 04/12/2024

Censo dos veteranos: 80 anos da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial

Daniel Mata Roque

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

danielmataroque@gmail.com

Margarida Rocha Bernardes

Escola Superior de Guerra

margarida.rb.1502@gmail.com

Fernando Porto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

fernando.porto@unirio.br

Introdução

Há oitenta anos era criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), por meio da Portaria nº 4.744 do Ministério da Guerra, datada de 9 de agosto de 1943. Passara-se, portanto, quase um ano desde o governo brasileiro reconhecer o estado de beligerância com a Alemanha e a Itália, ingressando oficialmente na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um dos maiores conflitos armados da história da Humanidade. Segundo o General Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra (1936-1945), com a FEB «o Brasil iria buscar no próprio teatro da luta o seu prestigioso lugar na Conferência de Paz e, conseqüentemente, no convívio definitivo das potências no após-guerra».¹

O historiador Dennison de Oliveira reforça o caráter «antes político que militar» que levou à decisão de se criar a Força Expedicionária Brasileira.² Esta análise não deve ser entendida com participação simbólica, uma vez que a FEB entrou em combate efetivo, com importância operacional e estratégica dentro do V Exército Norte-Americano.

A FEB, portanto, tem uma dupla essência: militar e político-diplomática, interna e externa, momentânea e duradoura.

¹ Eurico Gaspar DUTRA, Mauro Renault LEITE e Novelli JÚNIOR: *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, p. 613.

² Dennison de OLIVEIRA: *Extermine o inimigo: blindados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*, Curitiba, Juruá, 2015, p. 53.

Para alguns historiadores,³ a decisão brasileira de romper as relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em janeiro de 1942 foi muito mais de natureza econômica, pressionada pelos Estados Unidos da América (EUA), tendo como moedas de troca a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda-RJ, a modernização e o aparelhamento do Exército Brasileiro, empréstimos vultuosos para o Brasil e um maior fornecimento aos EUA de diversas matérias-primas essenciais. Já o reconhecimento do estado de guerra, em agosto do mesmo ano, veio responder diretamente às agressões de Alemanha e Itália, que motivaram intensas reações no Brasil a favor dos Aliados. Não era essencial aos americanos que houvesse a declaração de guerra. O envio de tropas subsequente, ao contrário, foi exigência brasileira, tendo inclusive a forte resistência dos britânicos.⁴ O Brasil desejava mostrar-se ao mundo como um país relevante nas negociações.

Os dois aspectos de motivação, portanto, nos planos interno e externo, são complementares. O resultado prático foi atingido em ambos os casos: «Os esforços de desenvolvimento do tempo de guerra produziram mudanças duradouras na economia brasileira» e o Brasil «tornou-se potência militar proeminente na América Latina».⁵

Central nas negociações foi, sempre, a atuação e as aspirações das Forças Armadas brasileiras. Desde o início da Era Vargas (1930), Getúlio contou com o apoio ostensivo do Exército, dando ao presidente a tranquilidade necessária para governar de maneira ampla, autoritária e transformadora.⁶

Historicamente, nas Forças Armadas brasileiras, os valores hierárquicos, assim como a relação entre homens de diferentes camadas sociais, são amalgamados e defendidos. No período da formação e envolvimento da FEB no *front* italiano, a relação do presidente com os militares era cordial e próxima.

Em 1937, já ocupando a presidência há sete anos e apenas três anos após a promulgação de uma constituição democrática, Getúlio Vargas fez-se ditador, proclamando o Estado Novo.⁷ Vargas agrada e fortalece explicitamente as Forças Armadas. Com organização e empoderamento militar, o Exército Brasileiro, conseguindo a benção e o aval do presidente, se torna um bom aliado e o fiador do novo regime.⁸

³ Vágner Camilo ALVES: *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*, Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2002; Dennison de OLIVEIRA: op. cit.; Neill LOCHERY: *Brasil: os frutos da guerra*, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2015; Giovanni LATFALLA: *Relações militares Brasil-EUA (1939-1943)*, Rio de Janeiro, Gramma, 2019.

⁴ Neill LOCHERY: op. cit., p. 156.

⁵ Frank MCCANN: *A aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1995, p. 14.

⁶ Margarida Maria Rocha BERNARDES, Gertrudes Teixeira LOPES e Tânia Cristina Franco SANTOS, “Base de sustentação militar de Vargas durante a 2ª Guerra e a soberania bélica alemã: percepções de enfermeiras e militares”, *Revista Texto Contexto Enfermagem*, 14:4 (Out-Dez, 2005), pp. 544-550.

⁷ Boris FAUSTO: *História do Brasil*, São Paulo, EDUSP, 1999.

⁸ Maria Celina D'ARAÚJO: *As instituições brasileiras na Era Vargas*, Rio de Janeiro, FGV, 1999.

A relação de Vargas com os militares durante os 18 anos (não consecutivos) em que governou o país passou por três fases distintas: na primeira houve o namoro (1930-1937); na segunda fase, a lua de mel (1937-1945); e, finalmente, na terceira e última fase aconteceu o divórcio litigioso (1951-1954). Dentro do recorte temporal da Segunda Guerra Mundial, e particularmente com o final do conflito na Europa, os militares sentiram-se fortalecidos para romper as antigas alianças e enfrentar Vargas, tornando o Exército independente do presidente. Os militares se consolidaram como atores políticos,⁹ garantindo uma base social, e, no aspecto econômico, a promoção dos interesses de uma burguesia industrial emergente, insuflada justamente pelos chamados «frutos da guerra».¹⁰

A história do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial já foi amplamente analisada pela historiografia. Assim sendo, nos basta uma síntese de contextualização.¹¹ Em 22 de agosto de 1942, após diversos ataques dos países nazifascistas aos navios mercantes nacionais e grandes manifestações populares exigindo resposta militar, o Brasil reconheceu o estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália. Isto implicou que o Brasil ingressou oficialmente na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Aliados, concretizando um negociado alinhamento aos Estados Unidos da América.

No ano seguinte foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), destinada a entrar em combate efetivo junto ao Exército Norte-Americano. Em 1944, a FEB seguiu para a Itália, onde participou de diversas batalhas no Teatro de Operações do Mediterrâneo ao longo de quase um ano, consagrando nomes como Monte Castello, Montese, Gaggio Montano, Fornovo di Taro e Pistoia, recebendo a rendição incondicional de quase 20 mil combatentes inimigos. Foi a única força latino-americana a combater na Europa.

No aspecto da estrutura militar americana, a FEB era composta de uma Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e dos chamados Órgãos Não Divisionários (OND).¹² A Força reunia cerca de 25 mil brasileiros, homens e mulheres – estas, que pela

⁹ José Murilo de CARVALHO: “Vargas e os Militares: aprendiz de Feiticeiro”, em Maria Celina D’ARAÚJO (org), *As instituições brasileiras da Era Vargas*, Rio de Janeiro, FGV, 1999, pp. 55-81.

¹⁰ Neill LOCHERY: op. cit.

¹¹ Daniel Mata ROQUE: *Luz, câmera, esquecimento: o Brasil na Segunda Guerra Mundial e a trajetória do filme perdido O Brasileiro João de Souza*, Rio de Janeiro, AHIMTB, 2021.

¹² A 1ª DIE era composta de três regimentos de infantaria, quatro grupos de artilharia, um batalhão de engenharia, um batalhão de saúde, uma esquadrilha de ligação e observação, um esquadrão de reconhecimento, uma companhia de transmissões e outras unidades menores, incluindo o Serviço Especial da FEB, com uma banda de música. Os OND incluíam o Depósito de Pessoal da FEB, a Pagadoria Fixa atrelada ao Banco do Brasil, o Conselho Supremo de Justiça, as Seções Brasileiras de Hospitalização junto aos hospitais americanos e o Depósito de Intendência, com um Pelotão de Sepultamento, dentre outros serviços complementares e de retaguarda. João Baptista Mascarenhas de MORAES: *A FEB pelo seu comandante*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2005, p. 59.

primeira vez puderam oficialmente integrar as Forças Armadas brasileiras, serviram como enfermeiras.¹³

O historiador Francisco Ferraz destaca que, «no cômputo geral, o desempenho em combate dos brasileiros da FEB e do Grupo de Caça da FAB [Força Aérea Brasileira] foi plenamente positivo, equiparável às melhores unidades combatentes do V Exército [Norte-Americano]». ¹⁴

Finda a guerra na Europa em 8 de maio de 1945, nos remetemos à canção: «vencido o inimigo, que antes fora varonil, recebeu a FEB ordem de embarcar para o Brasil». ¹⁵ Com a rendição incondicional da Alemanha aos Aliados, iniciou-se o retorno dos *febianos*, que passaram a ser conhecidos com a denominação de veteranos e/ou ex-combatentes, forma pela qual iremos nos referir ao grupo ao longo deste texto. ¹⁶

Com o inexorável passar dos anos, o número de veteranos da Segunda Guerra Mundial, integrantes daquela que os norte-americanos chamam de *Greatest Generation*, decresce vertiginosamente. ¹⁷ No ano de 2020, as programadas celebrações de 8 de maio, Dia da Vitória, para comemorar os 75 anos do final do conflito, foram suspensas pela pandemia de covid-19. Diversos ex-combatentes da FEB, já quase centenários, contraíram o vírus. Nesse momento, pudemos refletir sobre a iminente extinção desse grupo de agentes históricos e buscamos trabalhar a sua memória após oito décadas como ex-combatentes do conflito internacional.

Mediante ao exposto temos por objetivo apresentar o panorama dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira vivos ao celebrarmos os 80 anos de sua criação.

¹³ Margarida Maria Rocha BERNARDES, Sonia Helena da Costa KAMINITZ, Laurinda Rosa MACIEL, Anna Beatriz de Sá ALMEIDA, Alexandre Barbosa de OLIVEIRA, Fernando Rocha PORTO: “Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz”, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 29:2 (2022), pp. 531–550.

¹⁴ Francisco César Alves FERRAZ: “Brasil e Segunda Guerra Mundial”, em Francisco Carlos Teixeira da SILVA (org), *Enciclopédia de guerras e revoluções: volume II – 1919-1945*, Rio de Janeiro, Elsevier, 2015, p. 30.

¹⁵ Vicente CELESTINO: *Canção Mia Gioconda*, letra disponível em <https://www.lettras.mus.br/vicente-celestino-musicas/473426/> [consultado pela última vez em 13-08-2023].

¹⁶ *Febiano* é um neologismo criado pelos ex-combatentes para significar “aquele que pertenceu à FEB”. Caracteriza uma identidade coletiva surgida entre parte dos civis e militares que foram recrutados para a FEB. Diversas práticas adotadas na FEB, particularmente sobre disciplina e na relação entre superiores e subordinados, eram ímpares e únicas, havendo um claro esforço de alguns veteranos para fazer uma distinção entre o “Exército da FEB”, composto pelo febianos, e o “Exército de Caxias”, a estrutura burocrática normal da vida militar de tempos de paz. Exemplos relevantes de uso do termo são a revista *O Febiano*, editada pela Associação Nacional dos Veteranos da FEB, e o livro *Álbum biográfico das febianas*, escrito pela enfermeira da FEB Capitão Altamira Pereira Valadares. Frederico Soares RIBEIRO: “Os Febianos: experiência, consciência e agência dos trabalhadores brasileiros convocados para a guerra na Força Expedicionária Brasileira - FEB (1943-1945)”, *Revista Mundos do Trabalho*, 11 (2019), pp. 1–30.

¹⁷ “A maior geração”, em tradução livre.

Censo da FEB: como fazemos

O Censo Permanente da FEB foi criado em 01 de abril de 2020. Para tanto, ele se encontra disponibilizado na internet através da página oficial da Casa da FEB (www.casadafeb.com/centso-da-feb), centro cultural que abriga a sede da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB), na cidade do Rio de Janeiro.

À iniciativa de Daniel Dinucci de Sá Mota, à época estudante de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), juntaram-se Danilo Dinucci de Sá Mota, estudante de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) – e seu irmão gêmeo; Daniel Mata Roque, 2º vice-presidente da ANVFEB – Direção Central e então mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (PPGH-UNIVERSO); e Isaete Leal, filha de veterano e então presidente da ANVFEB – Seção Volta Redonda-RJ. O grupo passou a realizar o levantamento do quantitativo de veteranos vivos no Brasil, em prol de uma memória para a construção da narrativa histórica sociocultural no campo militar.

O levantamento adota a metodologia aproximada da demografia populacional.¹⁸ Neste sentido, podemos de certa forma citar que a pesquisa tem por enquadramento a redução demográfica nos militares da FEB, logo, enquadra-se na abordagem da micro-história e biografia, em virtude das fontes/tratamentos/modos de fazer a pesquisa; na dimensão da história demográfica, por se tratar de determinada realidade social ocorrida; e no domínio da relação com os agentes históricos, quando os personagens são examinados em seus espaços com seus respectivos signos.¹⁹

Para sua operacionalização ocorreu trabalho coletivo e que se encontra em constante atualização, pela dinâmica vivida. Optou-se por reunir informações dispersas de várias fontes, por meio de uma rede de contatos e pesquisadores.

A coleta das informações ocorre nas diversas seções regionais da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) e da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB), em parceria com variados historiadores e pesquisadores afins, bem como familiares de veteranos e organizações militares do Exército Brasileiro, além de postagens localizadas na imprensa e nas redes sociais, desde que com aderência com o objeto de estudo.

Adotamos como critério de inclusão as informações pertinentes aos componentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Estes se justificam por serem os integrantes do Exército Brasileiro que atuaram na Itália, no Teatro de Operações do Mediterrâneo, durante a Segunda Guerra Mundial. Logo, os critérios de exclusão são aqueles ex-

¹⁸ Ciro Flamarion CARDOSO e Héctor Pérez BRIGNOLI: *Os métodos da história*, Rio de Janeiro, Graal, 2002.

¹⁹ José D'Assunção BARROS: *O campo da história: especialidades e abordagens*, Petrópolis, Vozes, 2004.

combatentes do Exército que permaneceram em território brasileiro, bem como aqueles integrantes da Marinha de Guerra, da Marinha Mercante e da Força Aérea Brasileira.²⁰

O instrumento para compor o Censo é composto dos seguintes dados: nome completo, posto e unidade na FEB, data de nascimento, naturalidade, cidade de residência atual, contato telefônico, além de um campo para outras observações relevantes, tais como: medalhas notáveis recebidas, posto em que foi reformado após a guerra, publicação de livros, atuação em associações, dentre outras informações de aderência.

Mediante as informações coletadas, os dados são compilados e checados com três fontes, a saber: o portal *Banco de Dados FEB*, o *Almanaque Segunda Guerra Mundial* e documentação custodiada pela ANVFEB e pelo Arquivo Histórico do Exército (AHEX).²¹ Isto significa que triangulamos os dados, o que oferece credibilidade e confiabilidade ao material a ser divulgado na página da Casa da FEB, que é atualizado a cada 60 dias, aproximadamente.²² São duas listas: uma com os veteranos vivos e outra relação, separada, com aqueles falecidos durante a pesquisa.

Ressaltamos que os dados pessoais sensíveis, como endereços e telefones de contato, não são divulgados, em observação à legislação vigente, em especial a Lei Geral de Proteção de Dados. Logo, seguimos o Guia de Proteção de Dados Pessoais.²³

Censo da FEB

Na atualização divulgada em 01 de julho de 2023, quarto ano do levantamento, a listagem apresentou 72 veteranos vivos e 162 veteranos falecidos desde o início da pesquisa, e a soma das duas listagens totaliza 234 veteranos. Esse levantamento permite aos que se foram que suas memórias possam figurar na história militar e, para os vivos, fortalecer uma rede de assistência, o acesso documental e de suas memórias, por meio de entrevistas, convites para solenidades e homenagens em prol de instrumentalizar futuras construções das narrativas históricas.

Para tanto, apresentamos um panorama detalhado deste resultado. Os 72 veteranos vivos listados estão espalhados por 15 estados brasileiros (AM, BA, DF, ES, MT, MS, MG, PA, PR, PE, RJ, RN, RS, SC e SP), abrangendo as cinco regiões nacionais. Cinco estados constam com apenas um veterano vivo (AM, DF, MT, MS e RN), e o estado com o maior número é o RS (12 veteranos, 16,67% do total), seguido pelo RJ (10

²⁰ Como informação complementar, em listagem à parte e utilizando dados fornecidos pelo portal *Sentando a Pua* e o Museu da Vitória Brigadeiro Nero Moura, também relacionamos dados sobre os últimos veteranos vivos do 1º Grupo de Aviação de Caça, unidade da Força Aérea Brasileira que também combateu no Teatro de Operações do Mediterrâneo, sem subordinação direta à FEB.

²¹ Banco de Dados FEB. Disponível em <https://bancodedadosfeb.com.br/> [consultado pela última vez em 13-08-2023]. Luiz FAGUNDES: *Almanaque Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, [s.n.], 2015.

²² Alda Judith ALVES-MAZZOTI: *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*, São Paulo, Pioneira, 2001.

²³ Fundação Getúlio Vargas: *Guia de Proteção de Dados Pessoais*, Rio de Janeiro, FVG, 2020.

veteranos, 13,89% do total). Na composição da FEB, o Rio Grande do Sul representou quase 8% do efetivo total, enquanto o Rio de Janeiro (soma do então Distrito Federal com o então Estado do Rio) compôs quase 35% da tropa.²⁴

O veterano mais idoso tem 106 anos de idade – Nestor da Silva, nascido em 13/07/1917, residente no DF; e o mais jovem tem 98 anos de idade – Oudinot Willadino, nascido em 08/04/1925, residente no RS.

Cerca de metade dos veteranos listados possuem alguma informação no campo «observações». Destes, cinco informam terem sido feridos durante a guerra,²⁵ três receberam medalhas por bravura: uma Cruz de Combate de 1ª Classe,²⁶ e duas Cruzes de Combate de 2ª Classe.²⁷

Um dado oficial levantado pela equipe do Censo Permanente da FEB junto às três Forças Armadas, por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), evidencia caráter complementar, a saber: o número de ex-combatentes que recebem hoje a pensão especial criada pelo Artigo 53 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição de 1988, regulamentada pela Lei nº 8.059, de 04 de julho de 1990. Segundo informado, em junho de 2023, são 299 no Exército, 66 na Marinha e 05 na Aeronáutica. Cumpre, porém, destacar três observações importantes:

- Tanto no Exército quanto na Aeronáutica, os números não distinguem quem foi para a Itália e quem permaneceu no litoral do Brasil e nas ilhas oceânicas. Legalmente não há mesmo diferenciação, todo fazendo jus ao pagamento, mas, pelas razões já explicitadas, o Censo reúne apenas os veteranos da FEB, por questões metodológicas e de acesso a fontes;
- Os números não incluem os militares de carreira que foram reformados em postos acima do equivalente à pensão, que é de 2º tenente. Neste levantamento do Censo, é possível observar ao menos sete veteranos reformados em postos mais elevados, entre capitão e coronel;
- Esses números também não incluem aqueles veteranos que, por qualquer outra razão, não recebem nenhuma pensão ou soldo militar.

Portanto, esses dados oficiais também não são completos, não são definitivos. São complementares às informações do Censo.

Os homens e as mulheres, ao atuarem no Brasil e na Itália, em terra, mar e ar, cerca de duzentos mil no total, são um coletivo de distintos brasileiros que contribuíram para a Vitória Aliada. Aos pesquisadores cabe construir as narrativas históricas, cada

²⁴ João Baptista Mascarenhas de MORAES: op. cit., p. 313.

²⁵ Apenas um não consta ter recebido a Medalha Sangue do Brasil, entregue aos militares feridos por “ação objetiva do inimigo”.

²⁶ Por feito de bravura individual.

²⁷ Por feito de bravura coletivo.

qual com suas versões e interpretações. Algumas delas traremos ao longo deste texto, escolhidas por critério arbitrário.

Após as primeiras divulgações, em um modelo de rascunho ampliado, chegou-se nos primeiros trinta dias do Censo Permanente da FEB (04 de maio de 2020) ao número de 105 veteranos vivos no Brasil. À época constavam duas mulheres, as últimas enfermeiras da FEB: Carlota Mello e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, ambas falecidas com 105 anos de idade.²⁸

Já neste último levantamento, datado de 01 de julho de 2023, todos os veteranos vivos são homens. Apenas dois eram oficiais durante a guerra. Um deles, Nestor da Silva, seguiu para a Itália como 2º sargento e foi promovido a oficial, por bravura, durante a Batalha de Montese. Prosseguiu na carreira militar e foi reformado como tenente-coronel.

O único oficial de carreira é o então aspirante a oficial Oscar de Abreu Paiva. Natural do então Distrito Federal, atual Rio de Janeiro-RJ, nascido em 12/09/1923, é o único veterano vivo oriundo da Escola Militar do Realengo, instituição formadora dos oficiais de carreira do Exército Brasileiro até 1944. Atualmente residente em São Paulo-SP, foi reformado como coronel e é considerado o veterano da FEB mais antigo – com o mais alto posto hierárquico – vivo.

Segundo a listagem do Censo Permanente da FEB, não há mais nenhum oficial-general veterano da FEB vivo. O último a falecer foi o General de Divisão Octávio Pereira da Costa – falecido em 18/11/2021, aos 101 anos de idade. Ele foi o único a ser relacionado no Censo desde 2020. Dos 72 veteranos listados atualmente, 50 eram soldados durante a guerra.

Com relação às unidades militares, 39 integravam os Regimentos de Infantaria, tropa destinada ao enfrentamento mais próximo com o inimigo e a tomar e ocupar posições conquistadas. Outros 23 eram do Depósito de Pessoal da FEB, unidade da retaguarda que mantinha os militares em treinamento para que pudessem substituir as baixas na frente de combate. Os militares que retornaram ao Brasil ainda compondo o Depósito de Pessoal, provavelmente, não entraram em combate nem serviram em unidades operacionais.

Completando a lista, quatro eram de unidades de Artilharia, dois da Companhia de Intendência, um da Companhia de Transmissões, um do Batalhão de Saúde, um da Companhia do Quartel-General e de um veterano não foi possível identificar a unidade.

²⁸ Carlota Mello, nascida em 12/10/1914 em Salinas-MG, faleceu em 28/05/2020, em Belo Horizonte-MG, aos 105 anos, sete meses e dezesseis dias de idade. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, nascida em 23/10/1917 no Rio de Janeiro-DF (então Distrito Federal), faleceu em 29/03/2023, em Araruama-RJ, aos 105 anos, cinco meses e seis dias de idade.

Memórias dos(as) veteranos(as) para a construção das narrativas históricas

Antes de iniciarmos este subtítulo, apresentamos o referencial de memória para esclarecer de onde falamos. Para tanto, começamos por Henry Rousso ao citar, em síntese, que ele sustenta o conceito de memória como a «presença do passado» e complementa ao relatar que «é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado».²⁹

Outro referencial é Michael Pollak. Ele entende memória como sempre seletiva.³⁰ Isto significa que esquecer e lembrar não seriam excludentes ou antagônicos, mas duas partes do mesmo processo, o que articulamos com Pierre Nora ao citar que «fala-se tanto da memória porque ela não existe mais».³¹

Para Nora não há memória espontânea e, por isso, nascem os «lugares de memória», com a finalidade de não deixar que em determinadas situações sejam esquecidas. Sua razão de ser «é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento».³² Lembrar uma memória e, ao mesmo tempo, esquecer de outras. Logo, «há locais de memória porque não há mais meios de memória», isso é, por meio do Censo Permanente da FEB a ANVFEB potencializa sua função de lugar de memória.³³

A localização geográfica do Centro Cultural Casa da FEB, sede da ANVFEB no Rio de Janeiro, reúne o lugar dessas memórias e alguns dados que o presente estudo aborda. Essa localização é curiosa e não foi escolhida de forma ingênua.³⁴ Situada na Rua das Marrecas, número 35, no Centro da cidade do Rio de Janeiro-RJ,³⁵ é um centro de memória que possui uma rede de assistência, acesso para a preservação das memórias da trajetória da FEB, onde entrevistas são feitas, convites das solenidades alusivas ao recorte temporal da trajetória da FEB são socializados e comemorados, no lugar são feitas homenagens aos que fazem jus, além de dispor de um museu com acervo doado pelos próprios veteranos e por colecionadores, aberto à visita gratuita.

Trata-se do que Pierre Bourdieu denomina de «efeito do lugar», onde são tratadas as relações estabelecidas entre as estruturas do espaço social e as do espaço físico.³⁶

²⁹ Henry ROUSSO: “A memória não é mais o que era”, em Janaína AMADO e Marieta de Moraes FERREIRA (coords.), *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 94.

³⁰ Michael POLLAK: “Memória e identidade social”, *Revista Estudos Históricos*, 5: 10 (1992), p. 203.

³¹ Pierre NORA: “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, *Revista Projeto História*, 10 (dez. 1993), p. 7.

³² *Ibidem*, pp. 13, 22.

³³ *Ibidem*, p. 7.

³⁴ O prédio localiza-se em um terreno cedido pelo governo do então Estado da Guanabara, em 1963, especificamente para servir à associação de veteranos, como local de encontro, debate, homenagens e divulgação da memória da guerra. Em 1976 os veteranos demoliram o sobrado original e construíram, com recursos próprios, o prédio de seis andares onde atualmente funcionam o Centro Cultural Casa da FEB e a ANVFEB.

³⁵ CEP: 20031-120, telefone de contato: (21) 2532-1933 (secretaria) e (21) 96615-9082 (WhatsApp), e-mail de contato: anvfeb@uol.com.br, página na internet: <https://www.casadafeb.com/>

³⁶ Pierre BOURDIEU: *Sobre a televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1997, p. 157.

Na análise deste autor, «lugar» é o ponto do espaço físico em que um agente social está situado e tem relação com sua posição no espaço social.

Portanto, se não há memória espontânea, é necessário que se proceda a um esforço consciente e ordenado quando se deseja que determinadas recordações não se percam e permaneçam vivas. Criar os lugares de memória. Ela é um campo de disputa por excelência, sua narrativa está viva e (re)modelando-se.³⁷

A memória da FEB já passou por diversos estágios na vida nacional desde 1945. Isto ocorreu desde a apoteótica recepção aos veteranos com o fim da guerra ao rápido esquecimento e desmobilização; da proibição de usar as medalhas da campanha na farda aos veteranos que ocuparam os mais altos postos na administração pública; dos usos político-ideológicos do momento, «contra ou a favor», aos ataques com fins indiretos; da redescoberta cultural e acadêmica à nova apoteose, com os centenários tratados por alguns grupos como estrelas de cinema – ou, justamente, como heróis de guerra.³⁸

Segundo Jacques Le Goff, a memória coletiva é parte da luta de forças sociais pelo poder, e os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos.³⁹ Atualmente, estamos em um momento de combate ao esquecimento, em que bastante se fala sobre a FEB no meio militar e no meio acadêmico do campo da História, em que alunos de graduação escrevem e filmam trabalhos de conclusão de curso entrevistando veteranos, em que encontros de aficionados e pesquisadores crescem de público de um ano para o outro – e não o contrário.⁴⁰

A atuação brasileira no exterior ao entrar em combate efetivo em uma frente de batalha como o único país latino-americano a enviar tropas para a Europa contribuiu para a Vitória Aliada. Este fato foi fundamental para a projeção do Brasil no cenário internacional, pois seu ingresso na Organização das Nações Unidas ocorreu ainda em 1945 (sendo até hoje o país que abre a sessão da Assembleia Geral), com a afirmação como potência regional.

Pensar em memória, também, nos reporta à história. Isto é nos posicionar, como bem cita Paul Ricoeur na obra intitulada *A memória, a história, o esquecimento*.⁴¹ O autor, em síntese na quarta capa, assume que a problemática existe no entendimento da memória pela fenomenologia e da história na epistemologia e hermenêutica na representação do passado.

³⁷ Cláudia MESQUITA: *Um museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do Som (1960-1965)*, Rio de Janeiro, Folha Seca, 2009, p. 19.

³⁸ Francisco César Alves FERRAZ: *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*, Londrina, EDUEL, 2012.

³⁹ Jacques LE GOFF: “Memória”, em *Enciclopédia EINAUDI I. Memória-História*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

⁴⁰ Alguns destes trabalhos podem ser encontrados listados na bibliografia do presente artigo.

⁴¹ Paul RICOEUR: *A memória, a história, o esquecimento*, Campinas, Unicamp, 2005.

A representação do passado, mais uma vez, nos reporta a Peter Burke, tendo por aproximação as obras *A fabricação do Rei – a construção da imagem pública de Luis XIV* e *Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica*.⁴²

Ambas as obras de Burke abordam a imagem, material ou imaterial, pois uma não vive sem outra, na construção das narrativas históricas, inclusive no campo da história militar, seja pelos depoimentos orais em suporte audiovisual, artefatos, documentos escritos, dentre outros.⁴³ Estes fabricam certa imagética pública, e os presentes em homenagens ou em situações similares como testemunhas oculares são/serão futuros depoentes sobre os fatos presenciados, e assim por diante, em prol da manutenção da memória, para que seja possível a construção da narrativa historiográfica do tema a ser abordado.

Assim sendo, acreditamos que memória e história são campos interligados, e que uma depende da outra em prol da construção da narrativa histórica. Isto é dito pela construção interligada, aliás, com indícios que já deixamos em parágrafos anteriores, porém, assumidos daqui para frente. O trabalho do Censo Permanente da FEB, que ora analisamos, objetiva reunir a memória para produzir a história, etapa em que agora avançamos.

Veteranas

Após nos posicionarmos sobre a interligação de memória e história, avisamos aos leitores que começaremos pela análise dos dados femininos. Isto se deve pela presença de mulheres enfermeiras na FEB, fato que merece destaque, considerando a documentação e seus feitos no conflito, bem como por terem muitas vezes ficado esquecidas em detrimento do masculino como força majoritária do serviço militar.

Simone de Beauvoir, em seus estudos sobre as mulheres e a evolução do pensamento a respeito delas, faz referência a um dos principais filósofos gregos, Aristóteles, que em 384 a.C. afirmou: «A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades e devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural».⁴⁴ Da mesma forma, complementa a autora, a Igreja Católica corroborou com esses ensinamentos, o que remete às palavras de São Tomás de Aquino, quando afirmou ser a mulher um homem incompleto, um ser ocasional, em que Eva aparece como extraída de um osso supranumerário de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher, não em si, mas relativamente a ele. Ela não é considerada um ser autônomo e sim um ser relativo.

⁴² Peter BURKE: *A fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, e *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*, São Paulo, Unesp, 2017.

⁴³ Lucia SANTAELLA e Winfried NOTH: *Imagem: cognição, semiótica, mídia*, São Paulo, Iluminuras, 1999.

⁴⁴ Simone de BEAUVOIR: *O segundo sexo: A experiência vivida*, volume 2, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1967.

Ao trazermos as palavras de Aristóteles e São Tomás de Aquino, por meio de Simone de Beauvoir, as percebemos como uma crítica à idealização. Isto, em nosso entendimento, significa a revisão de versões e interpretações de ditos dos tempos idos, pois as mulheres merecem destaque tanto quanto os homens na construção da história da Humanidade, com relevo do que fizeram e fazem.

As mulheres brasileiras se voluntariaram na FEB, como enfermeiras, e fizeram parte desse grupo. Este fato se trata de um dos marcos na construção da história militar brasileira. Assim sendo, podemos trazer à baila dados sobre a última mulher brasileira veterana da Segunda Guerra Mundial, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, ao permitir aprofundamento nas informações coletadas para o Censo.

Virgínia nasceu em 23 de outubro de 1917, no Rio de Janeiro-RJ, descendente de famílias brasileiras conhecidas e respeitadas, Niemeyer por parte de mãe e Portocarrero por parte de pai, bisneta de Ludovina Portocarrero, que ajudou a cuidar dos soldados feridos na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).⁴⁵

Virginia foi aluna do Colégio Pedro II, fez curso de Prática de Laboratório e aperfeiçoou-se em Arte Decorativa na Escola Nacional de Engenharia. Em 1942, fez o curso de Samaritana na Cruz Vermelha Brasileira – órgão Central/Rio de Janeiro – e, em 1943, apresentou-se como voluntária para o Exército Brasileiro, integrando como enfermeira a primeira turma de mulheres militares no Brasil. Recebeu treinamento militar no Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) da 1ª Região Militar.⁴⁶

Portocarrero fez parte do Destacamento Precursor de Saúde da Força Expedicionária Brasileira (FEB), saindo do Rio de Janeiro para o front italiano em 07 de julho de 1944, chegando a Nápoles em 15 de julho do mesmo ano, onde prestou os primeiros socorros aos brasileiros que chegavam.⁴⁷

Antes de embarcar, firmou com seu pai, Tito Portocarrero, o compromisso de escrever cartas para registrar a memória de sua trajetória na Segunda Guerra Mundial. “Visionário Pacto”, seu diário de guerra fruto dessas cartas, está depositado no acervo da Casa de Oswaldo Cruz na FIOCRUZ, onde um fundo com seu nome reúne muitos outros documentos do conflito.⁴⁸

Isso nos faz remeter à assertiva de Michelle Perrot sobre como o discurso prolixo a respeito das mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e

⁴⁵ Francisco José MINEIRO JÚNIOR: “O início da Guerra da Tríplice Aliança no sul de Mato Grosso”, em *Anais do 7º Encontro Internacional de História sobre as Operações Bélicas na Guerra da Tríplice Aliança*, Rio de Janeiro, IGHMB, 2015, p. 87.

⁴⁶ Daniel Mata ROQUE, Margarida Maria Rocha BERNARDES, Alexandre Barbosa de OLIVEIRA e Israel BLAJBERG (orgs): *Práticas e representações fotográficas do Serviço de Saúde brasileiro na II Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, AHIMTB, 2019.

⁴⁷ Margarida Maria Rocha BERNARDES, Sonia Helena da Costa KAMINITZ, Laurinda Rosa MACIEL, Anna Beatriz de Sá ALMEIDA, Alexandre Barbosa de OLIVEIRA, Fernando Rocha PORTO: op. cit.

⁴⁸ *Ibidem*.

circunstanciadas sobre elas.⁴⁹ A autora se pergunta: quais seriam os caminhos percorridos pelas primeiras mulheres que escrevem?⁵⁰

De início, responde ela que foi a religião e o imaginário. As vias místicas e literárias na oração, bem como a meditação, a poesia e o romance. Acredita que as mulheres não têm memória na história, porque não foram preservados documentos sobre as trajetórias que seguiram. Isso ficou comprovado de forma surpreendente quando, ao ser entregue, em 2007, seu diário da Segunda Guerra Mundial para a custódia da FIOCRUZ, não existiam registros femininos incorporados ao acervo da Casa de Oswaldo Cruz.⁵¹

No pós-guerra, Virgínia teve desempenho na Associação Nacional de Veteranos da FEB (ANVFEB), sendo membro nato do Conselho Deliberativo e administradora do Mausoléu e do Ossuário dos Veteranos da FEB, nos cemitérios do Caju e São João Batista. Reformada no posto de capitão, foi condecorada com as medalhas de Guerra, de Campanha, da Cruz Vermelha Brasileira, Marechal Mascarenhas de Moraes, do Pacificador e Serviço de Saúde da FEB. Recebeu ainda o título de Aluna Emérita do Colégio Pedro II. Faleceu em 29/03/2023, aos 105 anos de idade, em Araruama-RJ.

Seus feitos e memória foram objeto de investigação de alguns pesquisadores, em artigos, dissertações, teses, livros e filmes⁵². Ademais, antes de sua morte, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) concedeu a outorga do título Doutora *Honoris Causa* pela sua trajetória social, cultural e política, pela relevância dos serviços prestados à sociedade.⁵³

Como podemos identificar nesta breve descrição, a contribuição de mulher-enfermeira-militar, por meio de sua memória, escreveu páginas e mais páginas da história militar, da enfermagem e da mulher. As homenagens em vida, ela recebeu e teve a oportunidade de viver para isso, diferente de várias, cujos tributos são realizados *in memoriam*.

As lutas da memória

A memória sobre a FEB e a atuação do Brasil e dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial já foi alvo de muitas disputas e polêmicas, particularmente em alguns momentos específicos e politicamente conturbados da história nacional.

⁴⁹ Michelle PERROT: *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru, EDUSC, 2005.

⁵⁰ Michelle PERROT: *Minha história de mulheres*, São Paulo, Contexto, 2016, p. 31.

⁵¹ Margarida Maria Rocha BERNARDES, Sonia Helena da Costa KAMINITZ, Laurinda Rosa MACIEL, Anna Beatriz de Sá ALMEIDA, Alexandre Barbosa de OLIVEIRA, Fernando Rocha PORTO: op. cit.

⁵² Alguns destes trabalhos podem ser encontrados listados na bibliografia do presente artigo.

⁵³ UNIRIO. Enfermeira que atuou na Segunda Guerra Mundial será homenageada pela UNIRIO. 03/03/2020. Disponível em: <http://www.unirio.br/proreitoriaadeextensaoecultura/cultura/noticias/teste>. [consultado pela última vez em 09-09-2023].

A FEB nasce, em 1943, recheada de incoerências e desconfianças por parte do próprio governo brasileiro. O presidente Getúlio Vargas (governo 1930-1945) e integrantes da alta administração pública, civil e militar, demonstravam ciência das condições que grassavam nos bastidores do governo e na opinião pública, que nos jornais e nas rádios sofria a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).⁵⁴

O ressentimento pode ser observado em veteranos da FEB, muitos anos após a luta e o retorno. Por exemplo, o civil convocado Nilton Duin, soldado na FEB, concedeu depoimento, em 2014, aos 95 anos de idade, ao documentário *Que falta que me fez*, na cidade de Juiz de Fora-MG. Isto nos faz reportar a Duin ao ressaltar o questionamento que sentia, 70 anos após o embarque para a Itália:

Nós fomos lutar contra uma ditadura. Lá era ditadura. Mas aqui também era uma ditadura. Nós fomos lutar contra a própria situação do Brasil. Sem saber de nada. É duro.⁵⁵

O Coronel Amerino Raposo, tenente na FEB, foi integrante do grupo responsável pelo último tiro da artilharia divisionária na Itália. Ele concedeu entrevista, em 2016, ao documentário *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*.⁵⁶

À época, ele tinha 96 anos e estava no Rio de Janeiro (RJ). Na entrevista, ele criticou o fato de poucos filmes terem sido produzidos sobre a FEB no decorrer dos tempos, retratando as memórias vivenciadas no conflito bélico, devido à censura por parte do Estado brasileiro. O Coronel Amerino narra a desmobilização da Força Expedicionária ainda em solo italiano, antes do retorno ao Brasil. Os pracinhas, ao pisarem em solo pátrio, já eram ex-combatentes, alguns já eram civis.

Cabe destacar que a FEB não regressou ao Brasil no pós-conflito: os ex-integrantes da FEB regressaram ao Brasil. Isto ocorreu devido ao Aviso nº 217.185 do Ministério da Guerra, datado de 06 de julho de 1945, que extinguiu a FEB ainda na Itália.⁵⁷ O primeiro contingente de brasileiros desembarcou de volta no Brasil somente em 18 de julho de 1945. Logo, a FEB já era considerada parte da história militar, pela presença do passado.

Na sequência, ainda no relato do Coronel Amerino, os veteranos que seguiram na carreira militar, como ele, foram proibidos de utilizar em público as medalhas recebidas na campanha da Itália e a farda de expedicionário. O alto comando militar, durante o Estado Novo (1937-1945) e no governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), proibiu os

⁵⁴ Francisco César Alves FERRAZ: *A guerra que não acabou...*

⁵⁵ QUE FALTA QUE ME FEZ. Direção: Daniel Mata Roque. Rio de Janeiro: Pátria Filmes, 2014. 1 DVD (28 min).

⁵⁶ ESTRELA DE DAVID NO CRUZEIRO DO SUL. Direção: Israel Blajberg. Rio de Janeiro: Pátria Filmes; Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2016. 1 DVD (72 min).

⁵⁷ João Baptista Mascarenhas de MORAES: op. cit., p. 237.

veteranos de relatarem dentro das dependências dos quartéis as narrativas que viveram durante a guerra.⁵⁸

Pensar nessa perspectiva é entender que o Estado brasileiro boicotava, deliberadamente, a memória da FEB e a própria história de seus cidadãos. Havia um receio no governo do Estado Novo de que esse antagonismo – dos militares que atravessaram o Atlântico para lutar por liberdade e democracia e retornavam para um regime ditatorial – terminasse em uma tomada de poder e no fim do regime, o que de fato ocorreu ainda em 1945.

O General Dutra, Ministro da Guerra durante as operações da FEB, foi eleito para a Presidência da República, o que aumentou a preocupação antes prevista. Isto se deve porque ele não gozava de prestígio junto à tropa expedicionária e era publicamente associado à chamada “ala germanófila” do governo, refratária ao alinhamento com os Aliados, que teria dificultado a organização da FEB.⁵⁹

Anos depois, outro movimento político é responsável por atingir a imagem da FEB: a ação militar que resultou na tomada de poder em 1964. Bastante diferente do ocorrido durante o Estado Novo, não nos parece que os militares, então no poder, receassem a concorrência dos veteranos da guerra. Ao contrário, este é justamente o momento em que parte dos veteranos que permaneceram na ativa das Forças Armadas encontravam-se no poder.

O Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, primeiro presidente do Regime Militar (1964-1967), era um veterano da FEB. Além dele, outro veterano foi o General de Exército Adalberto Pereira dos Santos, vice-presidente da República (1974-1979). Diversos componentes dos altos escalões do regime haviam estado na Itália, como o Marechal Cordeiro de Farias; os generais Ayrosa, Albuquerque Lima, Golbery, Hugo Abreu e Octávio Costa; e os coronéis Osnélli Martinelli e Amerino Raposo.⁶⁰ Foram ministros de Estado, comandantes de guarnições estratégicas, diretores de empresas estatais e congressistas.⁶¹

O historiador Cássio dos Santos Tomaim desmembra e esmiúça a forma como o Regime Militar procurou mostrar a si mesmo como a continuidade da memória febianá: seria a extensão daquela luta democrática e justa, antes contra o nazismo e então contra o comunismo. Tal analogia esteve presente em discursos de autoridades, particularmente do Presidente Castello Branco, e em peças oficiais de divulgação.⁶² É exatamente essa associação da luta na Segunda Guerra Mundial com a repressão aos movimentos de

⁵⁸ ESTRELA DE DAVID NO CRUZEIRO DO SUL. Direção: Israel Blajberg, op. cit.

⁵⁹ Cesar Campiani MAXIMIANO: *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*, São Paulo, Grua, 2010, p. 39-40.

⁶⁰ Daniel Mata ROQUE: *A cobra vai filmar*, Rio de Janeiro, AHIMTB, 2018.

⁶¹ Elio GASPARI: *A ditadura envergonhada*, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

⁶² Cássio dos Santos TOMAIM: *Documentário e o Brasil na Segunda Guerra Mundial: o antimilitarismo e o anticomunismo como matrizes sensíveis*, São Paulo, Intermeios e Fapesp, 2014, p. 217.

esquerda durante o Regime Militar que prejudicará, perante a classe artística e parte da população, toda e qualquer apresentação sobre a FEB no futuro, no final do século XX e ainda no próprio século XXI.

Segundo Tomaim, a memória da FEB foi desta forma “militarizada”, transformada em memória própria militar, e não amplamente nacional. É interessante observar que, como exemplo específico, o historiador cita que as reuniões realizadas nas associações de veteranos e ex-combatentes passaram por um processo de transformação, de reunião para solenidade militar patriótica. A historiadora Carmen Lúcia Rigoni reforça a assertiva sobre a postura militarista assumida pelas associações, que, em suas palavras, «fecharam-se nos seus clubes, [...] e não repartiram esta história com ninguém. Buscaram apoio do Exército [durante o Regime Militar] e [por isso] foram olhados com desconfiança pela população». ⁶³

Tal associação perdurou por muitas décadas. Isto se transformou em estigma e preconceito contra os assuntos militares, o que teve por efeito afastar os artistas, acadêmicos e pesquisadores da temática. ⁶⁴ Por consequência, o interesse na temática militar ficou restrito aos quartéis e espaços de aderência a eles. Na ocasião, a FEB foi tanto esquecida quanto atacada em livros e filmes. Logo, isto conduziu ao pensamento de que as memórias eram vistas como de orgulho do Exército e não da Nação, pelas construções das narrativas produzidas.

A mudança ocorreu a partir da Constituição de 1988 e do advento da Nova República, com lenta transformação e certa (re)descoberta do tema. Este fato fez com que o tema surgisse, processualmente, nos anos de 1990, em teses e dissertações, como objetos de investigações, mediante as críticas e reflexões sobre o passado com reflexo no presente, com materializações em documentários e materiais audiovisuais de aderência.

Ademais, cresce o número de pesquisadores civis a se dedicarem à temática da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Isto, associado à popularização e facilitação das tecnologias de gravação audiovisual, oriundas das entrevistas com veteranos, deram e dão origem a livros, pesquisas acadêmicas, filmes didáticos e fragmentos de depoimentos veiculados no YouTube. ⁶⁵ No campo militar, o Exército empreendeu no início dos anos 2000 um amplo projeto de História Oral, que entrevistou cerca de duzentos veteranos e foi publicado como uma coleção de livros em oito volumes.

Arriscamos afirmar que hoje, ao final do primeiro quarto do século XXI e após oito décadas do fim do conflito, vivemos no Brasil o momento de maior interesse pela FEB desde 1945. Isto argumentado pela numerosa produção de variados tipos sobre o assunto, quando muitos grupos de especialistas e de pesquisadores amadores e acadêmicos, em diversas plataformas virtuais, realizam encontros, seminários, edição e reedição

⁶³ Carmen Lúcia RIGONI. Entrevista concedida em 4 de julho de 2017.

⁶⁴ Daniel Mata ROQUE: *A cobra...*

⁶⁵ Alguns destes trabalhos podem ser encontrados listados na bibliografia do presente artigo.

de livros, produção de filmes, relatórios de pesquisa, criação de grupos de reencenação histórica e homenagens públicas, civis e militares, aos últimos e centenários veteranos remanescentes, estes publicando livros de memórias e diários de campanha, desde o imediato pós-guerra até a atualidade.

O historiador Cesar Campiani sustenta que a unidade expedicionária era, ao contrário de muitos mitos perpetuados, composta pela «nata da juventude brasileira», tanto física quanto intelectual, graças aos critérios de seleção, rigorosos quanto a doenças pré-existentes e falta de dentição, por exemplo, e não admitindo analfabetos.⁶⁶ Mesmo aceitando que tais critérios tenham sido flexibilizados em algumas situações, por razões várias, principalmente pela dificuldade em conseguir dezenas de milhares de jovens nessas condições ideais em um país rural e pouco desenvolvido, ele afirma que a FEB era a representação do melhor que o país podia oferecer.

Como exemplo do grau de alfabetização na FEB, Campiani cita o «elevado número de livros de memórias de expedicionários que vêm sendo publicados desde 1945», ao afirmar que, em comparação com outras unidades combatentes, de outros países participantes da Segunda Guerra Mundial, «os veteranos brasileiros estão certamente entre os mais prolíficos escritores, tendo produzido mais literatura de guerra do que os veteranos de célebres unidades que participaram da invasão da Normandia».⁶⁷

Por meio das entrevistas e escritos dos veteranos podemos perceber certo esforço (in)consciente em prol da luta pela FEB, no sentido do seu reconhecimento, quando o esquecimento e a (ir)relevância ocorreram. Isto é argumentado pelas memórias compartilhadas, particularmente nos anos mais recentes, quando é possível observar nos discursos deles reclamações sobre a falta de reconhecimento ao longo das décadas e o receio de que suas memórias fossem esquecidas pelas novas gerações, o medo do apagamento e da ignorância ou de interpretações e versões censuradas sobre a temática, que não fossem de interesse de certo grupo no poder instituído.

No que se refere ao passado, o silêncio está ligado à partilha desigual dos traços da memória e, concomitantemente, à construção das narrativas históricas. Estas, advindas dos veteranos, começaram a ser realizadas imediatamente no pós-guerra. Um dos marcos foi a iniciativa do Marechal Mascarenhas de Moraes com o livro *A FEB pelo seu Comandante*, espécie de relatório oficial que tenta sintetizar a campanha sob o aspecto militar. Da sua primeira edição, de 1947, foram feitos em separado duzentos exemplares em papel especial, dos quais cinquenta rubricados pelo autor e distribuídos a amigos, em sua maioria também veteranos da FEB.⁶⁸

⁶⁶ Cesar Campiani MAXIMIANO: op. cit., p. 54.

⁶⁷ Ibidem. p. 55.

⁶⁸ João Baptista Mascarenhas de MORAES: op. cit. Waldemar Levy CARDOSO. Comandante do I Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado – renomeado Grupo Levy Cardoso – da FEB durante a Segunda Guerra Mundial. Entrevista concedida em 2001.

Até a atualidade esses livros de memórias são produzidos e lançados. Frequentemente com tiragens pequenas, voltadas para familiares e amigos. Dois exemplos recentes são as obras *Fotos & Relatos da guerra & outras memórias* (4ª edição, 2022, tiragem de 50 exemplares), de Carlos Henrique Bessa – falecido em 29/08/2022; e *Tenente Rosenthal, Vovô Israel* (1ª edição, 2021, tiragem de 90 exemplares), de Israel Rosenthal – falecido em 03/12/2021. Tais obras constam no levantamento do Censo Permanente da FEB, que aponta os autores, respectivamente, como o último médico e o último dentista da FEB a falecerem, o que evidencia a relevância dos registros para as atualizações a serem feitas em prol da memória para a construção das narrativas históricas militares.

A tiragem reduzida e a distribuição seletiva são aspectos a serem repensados, considerando as políticas de ciência aberta e popularização do conhecimento. Isto conduz ao pensamento de que a produção das obras é realizada apenas para pequenos grupos; por outro lado, entendemos os custos a serem investidos. Logo, o ponto de equilíbrio, talvez, seja o investimento sociocultural que as Forças Armadas precisam fomentar para as pesquisas no sentido de gerar conhecimento para além dos muros militares, para que seja possível avançar em mais uma fase para materialização do processo de integração com a sociedade civil.

Não foi possível identificar a tiragem total da primeira edição de *A FEB pelo seu Comandante*, mas o próprio Marechal Mascarenhas de Moraes lançou, em 1960, uma segunda edição revista e ampliada, com tiragem ampla, de 5.000 exemplares.⁶⁹ Em um contexto tanto de ampliação do acesso ao conhecimento quanto do crescimento do interesse de pesquisa pela FEB, sobre o qual discorreremos, a Biblioteca do Exército Editora (BIBLIEX) produziu nova edição de *A FEB pelo seu comandante* em 2005, com tiragem de 3.000 exemplares e venda comercial, o que já aponta para a flexibilização de conceitos de tempos idos.

Pensar que os depoentes do conflito bélico estão a fechar seu ciclo de vida e, por consequência, vemos a redução sensível dessas fontes. Isto se torna bastante evidente no rápido decaimento dos números consolidados pelo Censo Permanente da FEB, mas é preciso manter-se a memória, que passa a ser responsabilidade de pesquisadores do assunto e de descendentes dos veteranos, alguns sensíveis à disseminação desta história.

Isto implica, pelos indícios apontados pelo Censo Permanente da FEB, na necessidade de investimento em suas memórias para a construção das narrativas históricas, o que tem por efeito a sustentabilidade no campo da historiografia, considerando que não vivemos aqueles momentos. Mesmo diante da assertiva de Alburquerque Júnior, de que a história é uma invenção do presente verossímil do passado, observamos as

⁶⁹ João Baptista Mascarenhas de MORAES: op. cit.

palavras perenes de Gustavo Barroso para continuarmos a pesquisar: «Todos nós passamos. O Brasil fica. Todos nós desaparecemos. O Brasil fica». ⁷⁰

As memórias dos veteranos são relevantes para se compreender a atuação e a inserção do país no mundo globalizado do pós-guerra. Tê-las é a possibilidade de gerar documentação, captar percepções, opiniões em primeira mão, para que os pesquisadores acadêmicos possam analisá-las e interpretá-las para as novas gerações revisitarem e, quiçá, produzirem novas versões e interpretações sobre a trajetória da FEB como parte integrante da identidade nacional brasileira.

Para tanto, não podemos negar as limitações deixadas neste relato sobre o levantamento de dados nacional, que precisa de mais informações, claras e concretas, para a triangulação das fontes. Assim sendo, acreditamos que avançamos ao monitorizar os dados, porém ratificamos a necessidade de mais dados para maior profundidade, em detalhes, que fariam/farão a diferença na construção das narrativas históricas. Outra limitação a observar diz respeito à variação do número de veteranos vivos, que não oscila apenas para baixo, com os falecimentos, mas também para cima, com a localização de informações sobre “novos veteranos”, aqueles até então desconhecidos pelos pesquisadores.

Logo, localizá-los é a possibilidade de se aplicar a técnica da bola de neve para obtenção das informações orais, bem como documental em suporte de papel, artefatos, dentre outros, que irão preencher as lacunas históricas, bem como abrir outras janelas investigativas. ⁷¹ Por outro lado, o Censo Permanente da FEB aponta contribuições, além da produção de dados que podem ser localizados mediante as informações coletadas, no sentido de proporcionar sentimento de pertencimento, fortalecer a união e criar laços do passado com o presente.

O término da existência física destes veteranos aumenta a responsabilidade dos pesquisadores do tema, civis e militares, acadêmicos e entusiastas amadores, em trabalharem pela preservação e divulgação desta memória. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, único país latino-americano a enviar tropas para o conflito europeu, foi importante para o desenrolar da guerra e, principalmente, significativa para

⁷⁰ Durval Muniz ALBUQUERQUE JÚNIOR: *História: a arte de inventar o passado*, Bauru, Edusc, 2007. Gustavo BARROSO: “Esquematização da História Militar do Brasil”, *Anais do Museu Histórico Nacional*, 3 (1942), p. 431.

⁷¹ Para a coleta de dados do Censo Permanente da FEB foi utilizada a técnica metodológica da «bola de neve» ou «snowball», também chamada de «snowball sampling». Tal técnica consiste em fazer contato primeiramente com um indivíduo de interesse da temática, que se torna participante da pesquisa. Este elemento é chamado de «indivíduo semente», definido como aquele que tem conhecimento do fato acontecido e das pessoas que viveram a mesma experiência. Esse «indivíduo semente» deverá indicar outra(s) pessoa(s) de seu relacionamento para que também possa(m) participar da amostra. Assim, por meio da primeira pessoa a ser entrevistada, na técnica da bola de neve, os pesquisadores chegarão aos outros entrevistados. Esses outros depoentes, por sua vez, indicarão terceiros a serem pesquisados, sucessivamente, construindo-se assim o corpo da amostra. Cf. Durval Muniz ALBUQUERQUE JÚNIOR, “A dimensão retórica da historiografia”, em Carla Bassanezi PINSKY e Tânia Regina de LUCA (orgs): *O historiador e suas fontes*, São Paulo, Contexto, 2009.

o desenvolvimento técnico e econômico do país, bem como para sua inserção e prestígio no plano da geopolítica internacional, além de contribuir para o término de um regime autoritário que já durava mais de uma década no país. Foi uma experiência formadora e transformadora.

Considerações finais

Cumprimos o objetivo de apresentar o panorama dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira vivos ao celebrarmos os 80 anos de sua criação. O Censo Permanente da FEB nos revela quem foram eles e elas, como lutaram e, atualmente, ainda lutam em prol da memória para a construção da narrativa histórica, para que o tempo não conduza ao esquecimento e/ou apagamento dos fatos/acontecimentos ocorridos no passado.

Trazê-los à tona é também tirá-los do anonimato dos grandes vultos militares. É tentar popularizar o conhecimento frente a políticas de ciência aberta, evidenciar as lições deixadas do passado, que ainda vivem, para as novas gerações refletirem, criticarem e construir novas versões e interpretações dos fatos/acontecimentos.

Fazer o levantamento do Censo Permanente da FEB é atividade cansativa, de garimpagem e repleta de fragmentos, mas o trabalho colaborativo é o sustentáculo para prosseguirmos. Ainda temos a expectativa de contarmos veteranos vivos por alguns anos, talvez uma década. Como vimos, há riqueza nos dados organizados, sendo possível reunir farta documentação para pesquisas no campo da historiografia militar.

Mediante ao exposto, precisamos estacionar a pena na redação até aqui, não como ponto final, mas como reticências, pois o trabalho permanece para além do levantamento de números, que são apenas a ponta do *iceberg* para quem não conhece esse tipo de trabalho.

Deixamos aqui nossos registros sobre o que e como fazemos, para que outros possam se juntar a nós e venham a usar os dados que temos nas construções de suas narrativas históricas, com versões e interpretações, para avançarmos nos debates historiográficos.